

brooke davis

achados
&
perdidos

Tradução de
Ana Carolina Mesquita

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2016

millie bird

Rambo, o cachorro de Millie, foi sua Primeiríssima Coisa Morta. Ela o encontrou no meio-fio numa manhã em que o céu parecia estar despencando; a névoa circundava seu corpo quebrado como um fantasma. Sua boca e seus olhos estavam muito abertos, como se congelados no meio de um latido. A pata traseira esquerda apontava para uma direção que não costumava apontar. A névoa se ergueu ao redor dos dois, as nuvens se reuniram no céu, e ela se perguntou se ele não estaria se transformando em chuva.

Foi somente quando colocou Rambo dentro de sua mochila e o arrastou até sua casa, que passou pela cabeça de sua mãe lhe dizer como o mundo funcionava.

Ele foi pra um lugar melhor, berrou sua mãe, enquanto passava o aspirador de pó no chão da sala.

Um lugar melhor?

O quê? Sim, pro Céu, meu amor, nunca ouviu falar dele? Não te ensinam nada naquela maldita escola? Levante as pernas! O Céu dos Cachorrinhos, onde existem biscoitos caninos eternos e eles podem fazer cocô onde bem quiserem. Certo, pode abaixar as pernas agora. Eu disse abaixe as pernas! E eles cagam, sei lá, biscoitos caninos; então lá eles só comem e cagam biscoitos caninos o tempo inteiro, e correm por aí e comem o cocô dos outros cachorros. Que é na verdade biscoito canino.

Millie parou um momento para pensar. *Por que eles então gastam o tempo deles aqui?*

O quê? Bom, eles, hã; pra ir pro Céu, eles precisam merecer. Precisam passar um tempo aqui até serem escolhidos pra ir pra um lugar melhor. É como se fosse o Survivor dos Cachorros.

Quer dizer que o Rambo foi pra outro planeta?

Bem, sim. Mais ou menos. Quer dizer... Sério mesmo que você nunca ouviu falar do Céu? Que Deus fica sentado nas nuvens e o Diabo fica no centro da Terra e esse tipo de coisa?

Posso ir pro novo planeta do Rambo?

Sua mãe desligou o aspirador de pó e olhou fixamente para o rosto de Millie. *Só se você tiver uma nave espacial. Você tem uma nave espacial?*

Millie olhou para os próprios pés. *Não. Bom, então você não pode ir pro planeta novo do Rambo.*

Dias depois, Millie descobriu que Rambo definitivamente não estava em outro planeta, e sim enterrado no quintal deles, embaixo do *Sunday Times*. Millie levantou o jornal com cuidado e viu Rambo, mas não Rambo-Rambo, e sim um Rambo encolhido, carcomido e apodrecido. Daquele dia em diante, Millie passou a escapar de fininho todas as noites para ficar com ele, enquanto sua carcaça se transformava de alguma coisa a coisa nenhuma.

O velho que atravessou a rua foi sua Segunda Coisa Morta. Quando o carro o atropelou, ela o viu voar pelos ares e pensou tê-lo visto sorrir. Seu chapéu aterrissou em cima da placa que indicava "Dê a preferência" e sua bengala dançou ao redor do poste de luz. Então foi a vez do corpo se espatifar no meio-fio. Ela abriu caminho por entre todas as pernas e sinais de exclamação para ajoelhar-se ao lado do homem. Olhou bem no fundo dos olhos dele. Ele olhou para ela, como se Millie não passasse de um desenho. Ela passou os dedos sobre suas rugas e se perguntou qual era o motivo para cada uma delas.

Então levantaram Millie e lhe disseram para cobrir os olhos, pois ela era *apenas uma criança*. E, enquanto ela voltava para casa pelo caminho mais longo, achou que talvez tivesse chegado a hora de perguntar ao seu pai sobre o Céu das Pessoas.

Sabe, Baixinha, existe o Céu e existe o Inferno. O Inferno é pra onde vão todas as pessoas malvadas, como os bandidos, os trapaceiros e os agentes de trânsito. E o Céu é pra onde vão as pessoas boazinhas, como você, eu e aquela loira bonitona do Masterchef.

E o que acontece quando a gente chega lá?

No Céu, você conversa com Deus e com Jimi Hendrix, e pode comer rosquinhas sempre que quiser. No Inferno, você é obrigado a... há... dançar a “Macarena”. Pra sempre. E aquela “Grease Megamix” também.

E pra onde você vai se você tiver sido bonzinho e malvado ao mesmo tempo?

O quê? Sei lá. Pra Ikea?

Você me ajuda a fazer uma nave espacial?

Pera só um minutinho, Baixinha. Dá pra gente continuar a conversa no próximo intervalo comercial?

Ela logo percebeu que tudo estava morrendo ao seu redor. Insetos, laranjas, árvores de Natal, casas, caixas de correio, trenzinhos de parque de diversão, canetinhas hidrográficas, velas, gente velha, gente jovem e gente que não era nem uma coisa nem outra. Só depois que registrasse 27 criaturas diferentes em seu Livro das Coisas Mortas — Aranha, o Pássaro, Vovó, a gata Gertrude do vizinho, entre outros — ela descobriria que seu pai também viraria uma Coisa Morta. E que ela anotaria isso ao lado do número 28, em letras tão grandes que tomariam conta de duas páginas: *MEU PAI*. Que, durante algum tempo, seria difícil saber o que fazer além de ficar olhando aquelas letras até já não conseguir mais lembrar o que significavam. Que ela faria isso usando uma lanterna, sentada no corredor em frente ao quarto de seus pais, ouvindo sua mãe fingir que estava dormindo.

o primeiro dia de espera

Quando jogava Ligue os Pontos, Millie sempre era o Ponto Um, sua mãe, o Ponto Dois e seu pai, o Ponto Três. A linha saía do fundo da barriga do Ponto Um, enrolava-se ao redor do Ponto Dois e do Ponto Três — que em geral estavam vendo televisão — e depois fazia o mesmo de trás para a frente, formando um triângulo. Millie corria pela casa, seu cabelo ruivo balançando, e o triângulo entre eles saltando em volta dos móveis. Quando sua mãe dizia *Quer parar com isso, Millicent?*, o triângulo rugia e se transformava em um enorme dinossauro. Quando seu pai falava *Venha sentar aqui do meu lado, Baixinha*, o triângulo se enrodilhava e virava um enorme coração pulsante. *Tu-tum. Tu-tum*, sussurrava ela, pulando de um jeito esquisito para acompanhar aquela pulsação. Ela se aninhava no sofá entre os Pontos Dois e Três. O Ponto Três segurava a mão do Ponto Um e piscava um olho para ele. As imagens piscantes da tela iluminavam o rosto dele no escuro. *Tu-tum. Tu-tum. Tu-tum.*

No Primeiro Dia de Espera, Millie está de pé exatamente onde sua mãe indicou. Bem ao lado das Calcinhas Gigantescas e em frente ao manequim de camisa havaiana. *Volto daqui a pouquinho*, diz sua mãe, e Millie acredita. O Ponto Dois está usando seus sapatos dourados, aqueles que fazem seus passos parecerem explosões. Ela caminha até os perfumes — *Cabum!* —, passa pelas roupas masculinas — *Catapou!* — e some de vista: *Catchum!* A linha entre o Ponto Um e o Ponto Dois se tensiona, puxa, e Millie observa-a ficar cada vez mais fina, até não passar de um arranhãozinho minúsculo flutuando no ar.

Tu-tum. Tu-tum. Tu-tum.

A partir de agora, Millie carregará aquilo consigo para sempre, aquela imagem de sua mãe ficando cada vez menor. A imagem

reaparecerá por trás de seus olhos em momentos diferentes ao longo de toda sua vida. Quando o personagem de algum filme diz *Volto daqui a pouquinho*. Quando, aos 40 e poucos anos, ela olha para as próprias mãos e não as reconhece como suas. Quando tem alguma pergunta boba e não consegue imaginar para quem poderia fazê-la. Quando chora. Quando ri. Quando espera alguma coisa acontecer. Sempre que olha o sol se pôr dentro da água, ela sente um ligeiro pânico e não sabe por quê. As portas automáticas dos shoppings sempre a deixarão ansiosa. Quando um garoto tocá-la de verdade pela primeira vez, ela o imaginará diminuindo no horizonte, longe, longe, longe, muito longe de seu alcance.

Mas ela ainda não sabe de nada disso.

O que ela sabe agora, neste momento, é que suas pernas estão doendo de tanto ficar de pé. Ela tira a mochila dos ombros e engatinha por baixo da arara na qual estão as Calcinhas Gigantescas. Sua mãe disse que existem mulheres que não conseguem enxergar suas partes íntimas porque comem baldes enormes de frango. Talvez essas calcinhas sejam pra elas. Millie nunca viu um frango vir em um balde. *Mas quero ver*, diz ela em voz alta, tocando de leve as calcinhas. *Um dia*.

É gostoso ficar aqui embaixo, sob as calcinhas enormes. Elas pendem sobre sua cabeça, tão perto do seu rosto que ela respira dentro delas. Abre o zíper da mochila e tira um dos sucos que sua mãe colocou ali para ela. Suga pelo canudinho. Nas frestas entre as calcinhas, ela observa pés em caminhadas. Alguns vão para algum lugar, outros para lugar nenhum, alguns dançam, outros saltitam, arrastam-se, guincham. Pés pequenininhos, pés grandes, pés que não são nem uma coisa nem outra. Tênis, saltos altos, sandálias. Sapatos vermelhos, sapatos pretos, sapatos verdes. Mas nenhum sapato dourado. Nenhum passo explosivo.

Um par de galochas azuis e brilhantes passa perto dela. Ela olha para baixo, para suas galochas. *Sei que vocês estão com inveja*, diz ela. *Mas a gente precisa ficar aqui. Mamãe mandou*. Ela vira a ca-

beça e vê as galochas saltarem pelo corredor e entrarem na seção de brinquedos. *Bom*, diz ela. Tira da mochila seu Livro das Coisas Mortas, destaca uma folha de papel, escreve *Para mamãe, volto daqui a pouquinho*, dobra a folha no meio e coloca-a apoiada em pé no chão, exatamente no lugar que sua mãe mandou que ela ficasse.

Leva suas galochas para passear. Elas sobem e descem as escadas rolantes, primeiro caminhando, depois saltando, saltitando e acenando como a rainha. Senta lá no alto e observa os degraus irem engolindo a si mesmos. *O que acontece se as escadas não se abaixarem a tempo?*, pergunta para suas galochas. Imagina as escadas espirrando até o elevador e escorrendo pelos corredores. Tenta fazer contato visual com cada pessoa que passa por ela e, sempre que consegue, o ar pula na sua frente como os filmes velhos a que sua mãe assiste. Brinca de esconde-esconde com um garoto que não sabe que está brincando com ela. Quando Millie diz a ele que ela o encontrou, o menino responde perguntando por que o cabelo dela é desse jeito e faz espirais com os dedos.

Meus cabelos são bailarinas, diz ela. *De noite elas pulam da minha cabeça e dançam no teatro pra mim.*

Pfff, diz ele e dá uma pancada em um Transformer com a cabeça de uma Barbie, ao mesmo tempo que solta um som de sopro. *Mentira.*

Millie senta-se no chão do provador feminino. *Eu sei onde você pode comprar calcinha*, diz para uma mulher que não para de se virar e se desvirar na frente do espelho, como se estivesse tentando entrar na terra como um parafuso. *Desculpe, mas quem é você?*, pergunta ela. Millie encolhe os ombros. Duas mulheres conversam atrás da porta de um dos cubículos. Millie vê os pés delas pela fresta entre a porta e o chão. Pés descalços e brilhantes botas forradas para neve. *Não nos leve a mal*, as botas parecem dizer. *Mas você realmente acha que o vermelho-coral combina com você?* Os dedos dos pés descalços se encolhem para baixo. *A gente pensou que era cor-de-rosa*, parecem responder.

Millie espera ao lado dos homens que esperam, sentados em cadeiras na frente do provador, esperando as mulheres, espiando por detrás das bolsas e sacolas de compras como animais assustados. As paredes próximas estão cobertas de fotos enormes de garotas rindo e se abraçando, de calcinha e sutiã. Os homens que esperam olham para elas com o canto do olho. De repente Millie imagina que talvez as calcinhas gigantes sejam para aquelas garotas gigantes.

Senta-se em uma cadeira ao lado de um homem careca que está roendo as unhas. *Você já viu frango vir num balde?*, pergunta.

Ele apoia a mão no joelho e olha para ela de soslaio. *Estou só esperando a minha mulher, menina*, responde o homem.

Ela fica embaixo dos secadores de mão dos banheiros porque gosta do vento agitando seus cabelos, como se estivesse colocando a cabeça para fora da janela do carro na estrada, ou como se ela fosse o Super-Homem voando ao redor da Terra. Como é que o secador de mão sabe que é hora de funcionar assim que você coloca a mão embaixo dele? É impressionante; mas as mulheres do banheiro nem ligam, simplesmente olham em pânico para o espelho, tentando descobrir o que há de errado com elas antes que outra pessoa descubra.

Sentada atrás dos vasos de plantas que delimitam a área do café da loja de departamentos, ela observa a fumaça subindo das canecas. O homem que parece o Papai Noel e a mulher com bochechas muito, muito vermelhas se inclinam por cima de seus cafés, um em direção ao outro. Não dizem nada, mas a fumaça beija seus rostos e dança ao redor deles e acima de suas cabeças. Outro homem come sem olhar para sua mulher, e a fumaça do café dela modela as formas mais lindas no ar. Millie nunca viu formas como aquelas. Será que ainda há formas a serem criadas? A mulher com filhos barulhentos está tomando um café que inspira e expira, soltando longos e cansados suspiros.

Lá no canto tem um homem com rosto de casca de árvore. Está usando suspensórios vermelhos e terno roxo, e segura a ca-

neca de café com as duas mãos, como se quisesse impedir que ela saísse voando. Uma mosca pousa em uma planta na frente dela. *E se tudo voasse?*, sussurra ela para suas galochas, observando a mosca saltar de folha em folha. Seu jantar poderia voar para dentro de sua boca, o céu poderia ser coberto de árvores e as ruas talvez pudessem trocar de lugar, mas então algumas pessoas poderiam ficar enjoadas, e os aviões já não seriam mais assim tão especiais.

O homem com rosto de casca de árvore sopra seu café com tanta força que o líquido escorre pela borda da caneca e a fumaça se divide em duas. Uma parte voa para a frente e outra para cima. Ele olha para dentro da xícara por alguns minutos, depois volta a soprar.

Ele se levanta. Precisa colocar as duas mãos sobre a mesa e empurrar o corpo para se levantar, com toda a força. Passa reto por ela, e Millie tenta fazer contato visual, mas ele não olha. A mosca segue o homem, zumbindo ao redor dele. Ele estica uma das mãos e estapeia a coxa. A mosca cai no chão.

Millie engatinha até lá e se ajoelha ao lado da mosca, depois coloca-a na palma da mão. Leva a mosca até o rosto e fecha a mão com força, depois se levanta e vê o homem com rosto de casca de árvore sair do café e passar pela porta principal arrastando os pés.

Millie encontra sua mochila ao lado das Calcinhas Gigantescas. Retira Só Por Precaução seu frasco de vidro, coloca-o entre os joelhos, desatarraxa a tampa e guarda a mosca lá dentro. Volta a atarraxar a tampa e retira seu Livro das Coisas Mortas e suas canetinhas hidrográficas. *Número 29*, escreve. *Mosca na loja de departamentos*. Vê a palavra *PAI* escrita ao longo da página em letras grandes. Bate a canetinha em suas galochas. Segura o frasco na frente do rosto. Pela fresta entre as calcinhas, o manequim olha para ela, do outro lado do corredor. Sua camisa é azul vibrante com coqueiros amarelos estampados. Seus olhos parecem enormes através da vitrine, como se estivessem a centímetros do rosto dela.

Millie afasta algumas calcinhas para poder ver apenas os joelhos do manequim.

Ela segura o frasco enquanto espera a tarde inteira pela volta dos sapatos dourados. E, quando a tarde vira noite, a última porta é trancada, e tudo fica escuro — o ar, o som, o planeta —, a sensação é de que o mundo inteiro está se fechando. Ela pressiona o rosto na vitrine, coloca as mãos em concha ao redor dos olhos e observa as pessoas voltando para seus carros com outras pessoas, maridos e esposas e namoradas e namorados e filhos e avós e filhas e pais e mães. Então todos vão embora de carro, cada um deles, até que o estacionamento fica tão vazio que os olhos dela doem. Ela engatinha de volta para debaixo das Calcinhas Gigantescas e tira um sanduíche da mochila. Enquanto come, fica olhando para o manequim pela fresta entre as calcinhas. Ele olha para ela. *Oi*, sussurra Millie. O único som além desse é o zumbido suave das luzes dos balcões de vidro.

o segundo dia de espera

Antigamente Millie achava que, independentemente de onde você caísse no sono, sempre acordaria em sua própria cama. Ela já tinha dormido em cima da mesa, no chão da casa do vizinho, num trenzinho, mas sempre que acordava estava em seus lençóis, olhando para o teto de seu quarto. Mas certa noite ela acordou enquanto estava sendo carregada do carro para casa. Olhou para o pai com os olhos semicerrados. *Quer dizer então que era você todo o tempo*, sussurrou ela para o ombro dele.

No Segundo Dia de Espera, Millie acorda com o som de saltos altos caminhando em sua direção. Ela havia se esparramado durante a noite e seus pés estavam aparecendo por baixo da arara. Puxa

os joelhos até o peito, abraça-os, prende a respiração e observa os saltos altos passarem por ela. *Clic-clac, clic-clac, clic-clac.* São pretos e brilhantes, e das pontas saem dedos com unhas pintadas de vermelho, como se fossem joaninhas tentando entrar nos sapatos.

Por que sua mãe a abandonaria embaixo das calcinhas a noite toda?

Millie fica de barriga para baixo e espia pela fresta entre as calcinhas. Sabe por que a mãe a abandonaria ali, mas não quer pensar nisso, por isso não pensa. O manequim continua olhando para ela. Millie acena para ele. É um aceno cauteloso, os dedos se dobram um sobre o outro até tudo virar um punho fechado. Não tem certeza se quer ser amiga dele ainda. Calça suas galochas, sai de baixo das calcinhas engatinhando e olha para o aviso que prendeu na arara na noite passada.

Estou aqui, mamãe.

Apanha a folha, dobra-a no meio e guarda-a na mochila. O homem com rosto de casca de árvore caminha em sua direção. Arrasta os pés pelo corredor, passa direto e segue até o café. Millie vai atrás dele e o observa por trás dos vasos de plantas. Ele senta como se aquilo doesse e olha para seu café. Millie se aproxima e pousa a mão sobre a mão do homem.

Você já viu frango vir num balde?, pergunta.

O homem olha para a mão da menina e depois para o rosto dela. *Já*, responde, puxando a mão, tirando-a da de Millie e tamborilando os dedos em cima da mesa.

É aí?, pergunta ela, sentando na cadeira na frente dele. *Como é?* É exatamente como parece ser, diz ele.

Millie morde o lábio inferior. *Você conhece muitas pessoas mortas?* *Todo mundo*, responde ele, olhando para seu café.

Todo mundo?

É. E você?, pergunta ele, ainda tamborilando os dedos na mesa.

Sim. Vinte e nove Coisas Mortas, diz ela.

É bastante.

Aham.

Ele se inclina para a frente. *Quantos anos você tem?*, pergunta.

Millie cruza os braços. *Quantos anos você tem?*

Eu perguntei primeiro.

Vamos responder ao mesmo tempo então.

Oitenta e sete.

Sete.

Ele se recosta de novo na cadeira. *Sete?*

Millie balança a cabeça. *E meio. Quase oito, pra falar a verdade.*

Você é nova.

Você é velho.

As covinhas das bochechas dele estão acordando.

Suas botas combinam com meus suspensórios, diz ele, tamborilando os dedos nos suspensórios.

Seus suspensórios combinam com minhas botas. Millie olha para as mãos dele. *Por que você bate os dedos quando fala?*

Não estou batendo os dedos, explica ele. *Estou digitando.*

Digitando o quê?

Tudo o que eu digo.

Tudo o que você diz?

Tudo o que eu digo.

E o que eu digo?

Isso eu não digito.

Você vai comer isso?, pergunta ela, apontando para um bolinho.

Ele empurra o prato na direção dela.

Millie enfia o bolinho na boca. *Por que você não tá tomando seu café?*, pergunta, de boca cheia, empurrando o café na direção do homem.

Não quero. Ele o empurra de volta.

Millie segura o café com as duas mãos e aproxima o rosto da caneca, sentindo a fumaça subir por baixo de seu queixo. *Por que comprou então?*

É bom ter alguma coisa para segurar.

Millie sorri. *Ah*. Ela coloca os pés em cima da cadeira e apoia o queixo nos joelhos. Espalhada pela mesa há uma grande fileira de quadradinhos de plástico, cada um mais ou menos do tamanho da ponta do dedo dela. *O que é isso?*

Ele encolhe os ombros.

Você não sabe?

Ele encolhe os ombros de novo.

Millie se inclina para a frente. *São teclas de computador*, diz ela. *Como as dos teclados da escola*. Ela cruza os braços. *Só que essas não estão num teclado*.

Pois é, diz ele.

Então você sabe, diz ela.

São todos hífens e travessões. De diferentes teclados. Ele se inclina para a frente na cadeira. *Sabe o que é um hífen?*

Talvez.

A gente coloca o hífen entre duas palavras para formar uma palavra só.

Tipo o quê?

Tipo... Ele pensa por um momento.

Tipo triste-feliz?, pergunta Millie.

Acho que não.

Faminto-sonolento?

Não, diz ele. *Tipo guarda-roupa. Ou pronto-socorro*.

Mas não triste-feliz.

Não.

Nem faminto-sonolento.

Não.

Por que você tem tantos hífens? Vários deles estão alinhados um na frente do outro numa linha comprida e reta.

Eu os coleciono.

Por quê?

A gente precisa colecionar alguma coisa.

Millie pensa em seu Livro das Coisas Mortas. *Eu coleciono Coisas Mortas*, diz.

Ele assente.

Ela sustenta o olhar do homem enquanto empurra uma das teclas com o indicador, tirando-a da fileira. A tecla fica acima das outras num determinado ângulo que parece estar dando uma cambalhota. Rosto-de-Casca-de-Árvore não se mexe. *Eles também separam as sílabas*, diz ela. *Não formam só palavras*. Ela empurra outra tecla, que desliza e para na beirada da mesa. Ele prende a respiração e observa a tecla balançar e depois cair em seu colo.

Não faça isso, diz ele, apanhando a tecla e colocando-a de volta na fileira.

Onde você arrumou todas elas?

Eu peguei emprestado.

De quem? Millie vê a ponta de uma chave de fenda no bolso do paletó do homem.

Ele pousa uma das mãos sobre a ferramenta, protegendo-a do olhar da menina. *Ninguém desconfia de um velho*, diz ele, dando um meio sorriso. *Somos meio que invisíveis*.

Como você se chama?

Karl, o Digitador. E você?

Só Millie.

Cadê a sua mãe, Só Millie?

Ela já tá vindo. Ela tem sapatos dourados. É quando diz *sapatos dourados* que Millie sente o puxão do fio do Ponto Dois e prende a respiração. Remexe-se na cadeira e coloca o frasco com a mosca sobre a mesa. *Ontem você fez uma Coisa Morta*.

Karl apanha o frasco e o examina. *É?*, pergunta ele, tamborilando os dedos no vidro.

Millie concorda. *Vou fazer um funeral pra ela*.

O primeiro funeral que Millie fez foi para uma aranha que seu pai esmagou com o sapato. Sua mãe pulava de um pé para o outro

dizendo *Se você não esmagar essa aranha, Harry, vou esmagar você.* Seu pai se levantou da poltrona, arrancou o sapato do pé e bateu-o com toda força na parede.

Um.

Dois.

Três.

Quatro.

A aranha deslizou pela parede e aterrissou no chão. Seu pai segurou-a por uma pata, abriu a porta, atirou-a para fora da casa, sentou-se de novo no sofá e continuou vendo televisão. Piscou para Millie, que estava no outro lado da sala. Millie não conseguiu piscar para ele.

Ela observou o pai assistir a três programas inteiros antes de dizer qualquer coisa.

Podemos fazer um funeral para a aranha?, perguntou ela, enquanto os créditos subiam. *Igual ao que a gente fez pra Nan?*

Funerais são para pessoas, Mills, disse ele, zapeando pelos canais. *E talvez para cachorros.*

E para os cavalos?

Para cavalos também, disse ele, enquanto um jogador de críquete lhe dizia para comprar vitaminas.

E para os gatos?

Sim.

E para as cobras?

Não.

Por quê?

Porque não. Na tela, um carro serpenteava por uma linda montanha. Todos os familiares sorriam uns para os outros. E todo mundo tinha dentes brilhantes.

E para as árvores?

Não.

Por quê?

Porque não.

E para as centopeias? Para os planetas? Para as geladeiras?

Millie!, exclamou ele. Para pessoas. E talvez para animais grandes. E só, ponto final.

Por quê?

Porque senão a gente faria funerais todos os dias, o dia inteiro. E não dá pra fazer isso.

Por quê?

Porque a gente tem mais o que fazer, respondeu ele, enquanto um homem na tela olhava Millie nos olhos e berrava alguma coisa sobre celulares.

Naquela noite, ela colocou na mochila todas as coisas de que precisava, apanhou a lanterna que ficava guardada embaixo de sua cama e saiu de fininho de casa. Achou a aranha na grama, perto da trilha da entrada, e apanhou-a com as duas mãos. Agora ela parecia diferente, menor, mais leve e ressecada do sol. A brisa da noite envolveu suas mãos e fez a aranha fazer cócegas nas suas palmas.

Uma rajada de vento levou a aranha para longe. Millie saiu correndo atrás dela, observando-a elevar-se acima de sua cabeça. A aranha voou pelos ares, recortada contra as estrelas, sobre o seu quintal, até a rua, até o outro lado da rua; desceu a rua, entrou num terreno baldio. O luar iluminava as laterais de seu corpo. A noite inteira parecia estar coberta de aranhas iluminadas pelo luar, muito, muito distantes, como alfinetes no céu escuro.

Então, tão rápido quanto começou, o vento parou, e a aranha caiu no chão como uma estrela cadente.

Uma árvore elevava-se no meio do terreno baldio. Era a maior árvore que ela já tinha visto, muito maior até que seu pai. Ela colocou a aranha dentro da mochila e subiu até o topo. A lua parecia tão próxima que ela quase poderia girá-la. Sentou-se com as pernas abertas, uma de cada lado do galho, encostou as costas no tronco e, da mochila, retirou a aranha, um pote velho de

Vegemite,* uma bola de linha, uma velinha aromática, fósforos e um pedaço de papelão.

Millie deu uma última olhada na aranha antes de colocá-la no pote de Vegemite, em cima de alguns lenços de papel. Acendeu a velinha e colocou-a ali dentro também, depois amarrou uma linha em volta da boca do pote, fez um nó em uma das pontas e passou a outra pelo buraco do papelão. Amarrou a linha no galho da árvore. O frasco ficou pendurado lá no alto e balançava como uma lanterna sempre que ventava. Na letra mais caprichada de Millie, lia-se na plaquinha de papelão *Aranha?-2011*.

Millie correu os dedos pela linha entre o ponto de interrogação e o ano de morte da aranha. De um lado para o outro, de um lado para o outro. Que estranho, pensou: a única coisa que sobrou para exprimir a vida inteira da aranha foi esta linha — esta linha reta e comprida.

* Pasta alimentícia australiana marrom-escura feita de extrato de levedura de cerveja com temperos e legumes variados. Servida em sanduíches ou com biscoitos. (*N. da T.*)